

VI Domingo da Páscoa (10/05/2026)

«Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós» (Jo 14,18)

Esta afirmação de Jesus Cristo deve ser compreendida no horizonte do mistério pascal, no qual a sua ausência visível não equivale a um abandono, mas inaugura uma nova forma de presença. Com efeito, após a sua Páscoa, Jesus deixa de estar fisicamente entre os seus discípulos, mas permanece presente de modo real através do dom do Espírito Santo, cuja ação torna atual e eficaz a sua presença no meio da Igreja. Agora Jesus tem morada junto do Pai, mas também montou a sua tenda no coração de cada crente.

A reflexão teológica sublinha que esta presença do Espírito no coração dos crentes não é transitória, mas permanente e constitutiva da vida cristã. Por isso, a tradição da Igreja afirma que o crente é «templo do Espírito Santo» (cf. 1 Cor 6,19), exprimindo a realidade da inabituação divina no íntimo do nosso ser. Tal presença não se reduz a uma influência externa, mas configura interiormente o ser humano, orientando-o para a comunhão com Deus e inserindo-o dinamicamente na vida trinitária.

Deste modo, o homem encontra-se envolvido pelo mistério inefável de Deus, cuja ação se exerce de modo contínuo e interior, conduzindo-o na verdade e no bem. Esta dimensão interior da presença do Espírito é reconhecida pelo magistério da Igreja: o Concílio Vaticano II afirma, na *Gaudium et Spes* (n. 16), que a consciência constitui o núcleo mais secreto e o santuário do homem, onde ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa no íntimo do seu ser. Assim, a interioridade não é fechamento, mas lugar teológico de encontro com Deus.

Compreende-se, então, que a escuta da dimensão mais profunda da interioridade humana, longe de ser mero escutar-se a si mesmo, é acolhimento de uma Palavra que nos precede e nos transcende. Na medida em que o ser humano responde, em consciência, ao apelo ao bem e à verdade, reconhece-se como destinatário da voz do próprio Deus. Para tal, torna-se necessário um caminho de interiorização, um distanciamento da superficialidade — a “espuma do tempo” — que abre o coração à transcendência.

É neste horizonte que a oração cristã se revela, não como simples exercício verbal, mas como verdadeira relação dialogal com Deus. Ela supõe silêncio exterior e interior, condição para acolher a Palavra que não nasce do sujeito, mas lhe é dirigida por Deus. Sem esta disposição de escuta — marcada pelo recolhimento, discernimento e abertura obediencial — a oração corre o risco de se reduzir a um monólogo subjetivo, perdendo a sua referência ao Deus vivo.

Por isso, a tradição teológica insiste que a oração é, antes de tudo, iniciativa divina: é Deus quem fala primeiro, quem chama, quem atrai. A resposta humana torna-se possível porque é precedida e sustentada pela graça. Assim, a vida de oração é já participação na vida trinitária, onde o Espírito Santo move

interiormente o fiel e o configura a Cristo, introduzindo-o numa relação filial com o Pai.

Ora, esta mesma dinâmica de comunhão entre o divino e o humano encontra a sua expressão concreta no amor. Com efeito, fruto da ação santificante do Espírito e condição para a vida em Deus é a capacidade de amar e de se entregar ao próximo. «Quem Me ama será amado por meu Pai, e Eu o amarei e Me manifestarei a ele» (cf. Jo 14,21). O amor autêntico revela, portanto, que o coração humano foi já transformado pela graça e inserido no dinamismo da caridade divina. Quem se deixa envolver pelo caminho do amor abre as portas à dimensão transcendente da vida; mas quem não ousa amar revela um coração fechado ou distante da fonte onde o amor nasce. E quem muito reza, mas não ama de verdade, traz nos lábios palavras vazias; sua oração não passa de monólogo solitário, eco perdido no silêncio – e não diálogo vivo com o Divino.

Assim, oração e amor não são realidades separadas, mas dimensões inseparáveis de uma mesma vida em Deus: quem escuta verdadeiramente a Deus aprende a amar, e quem ama torna Deus presente no mundo. É nesta unidade que se manifesta a verdade da existência cristã como comunhão viva com a Trindade.

Por isso, podemos afirmar com confiança: não estamos órfãos. Cristo permanece em nós pelo dom do Espírito Santo, e é no íntimo do nosso ser que Ele continua a falar, a guiar e a transformar. Somos, então, chamados a cultivar essa interioridade habitada, onde a escuta se torna resposta e a resposta se torna amor.

Permaneçamos n'Ele, para que a nossa vida, enraizada na oração e realizada no amor, se torne testemunho vivo da presença de Deus no mundo.

Ámen.

P. Emanuel Brandão